

**CARTA AOS ESTUDANTES DOS CURSOS DE LICENCIATURA**

***CARTA A LOS ESTUDIANTES DEL CURSO DE LICENCIATURA***

***LETTER TO TEACHER-TRAINING STUDENTS***



Osmar Hélio Alves ARAÚJO<sup>1</sup>  
e-mail: osmarhelio@hotmail.com



Emerson Augusto de MEDEIROS<sup>2</sup>  
e-mail: emerson.medeiros@ufersa.edu.br



Ivan FORTUNATO<sup>3</sup>  
e-mail: ivanfrt@yahoo.com.br

**Como referenciar este artigo:**

ARAÚJO, O. H. A.; MEDEIROS, E. A. de; FORTUNATO, I. Carta aos estudantes dos cursos de licenciatura. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 19, n. 00, e024141, 2024. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.19615>



- | **Submetido em:** 11/02/2024
- | **Revisões requeridas em:** 23/02/2024
- | **Aprovado em:** 19/03/2024
- | **Publicado em:** 21/10/2024

---

**Editor:** Prof. Dr. José Luís Bizelli  
**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Mamanguape – PB – Brasil. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente na UFPB. Líder do Grupo de Pesquisa LACONEX@O/UFPB - Laboratório de práticas, estudos e pesquisas em formação de professores - Universidade e Escolas de Educação Básica.

<sup>2</sup> Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Mossoró – RN – Brasil. Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará – (UECE). Docente na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Líder do Grupo de Pesquisa “Formação Docente”.

<sup>3</sup> Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Itapetininga – SP – Brasil. Doutor em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades (FFLCH/USP, 2022), Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (IB/UNESP, 2018) e Doutor em Geografia (IGCE/UNESP, 2014). Professor do IFSP, campus Itapetininga.

---

**RESUMO:** Este texto é uma carta-ensaio, cujos destinatários são nossos caros estudantes nas licenciaturas. É um apelo à humanidade em cada um, como um vocativo à docência. Emerge da constatação de que, cada vez mais, há menos interesse no magistério e mais bancos vazios nos cursos de formação docente. Escrevemos aos nossos estudantes três lições que nos motivam a Ser Professor: (I) a lição da Sankofa, ou a importância de ressignificar o passado; (II) a lição do pedinte, tratando do tempo presente e a grandeza de se olhar para o mundo vivido; e (III) a lição da esperança, que pode ajudar a construir outro futuro para e no magistério. Ao final, subscrevemos tudo o que podemos aprender com essas três lições, esperando um mundo melhor para todas as formas de vida planetária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Docência. Formação de Professores. Licenciaturas.

***RESUMEN:** Este texto es una carta ensayo, cuyos destinatarios son nuestros queridos estudiantes de pregrado. Es un llamado a la humanidad que hay en cada uno de nosotros, como un llamado a la enseñanza. Surge de la observación de que, cada vez, hay menos interés por la docencia y más bancas vacías en los cursos de formación docente. Escribimos a nuestros alumnos tres lecciones que nos motivan a Ser Profesores: (I) la lección Sankofa, o la importancia de resignificar el pasado; (II) la lección del mendigo, que trata sobre el presente y la grandeza de mirar el mundo vivido; y (III), la lección de la esperanza, que puede ayudar a construir otro futuro para y en la profesión docente. Al final, nos suscribimos a todo lo que podemos aprender de estas tres lecciones, con la esperanza de un mundo mejor para todas las formas de vida planetaria.*

***PALABRAS CLAVE:** Enseñanza. Formación de Profesores. Grados.*

***ABSTRACT:** This text is an essay letter, whose addressees are our dear undergraduate students. It is an appeal to the humanity in each one of us, as a call to teaching. It emerges from the observation that, increasingly, there is less interest in teaching and more empty benches in teacher training courses. We write to our students three lessons that motivate us to be a teacher: (I) the Sankofa lesson, or the importance of re-signifying the past; (II) the beggar's lesson, dealing with the present time and the greatness of looking at the lived world; and (III), the lesson of hope, which can help build another future for and in the teaching profession. In the end, we subscribe to everything we can learn from these three lessons, hoping for a better world for all forms of planetary life.*

***KEYWORDS:** Teaching. Teacher Education. Teacher-training.*

---

## A todos<sup>4</sup> os estudantes dos cursos de licenciatura

Este é um texto que tem como vocativo nossos “caros estudantes”, e pode ser compreendido como uma carta endereçada a todas as pessoas que tivemos, e àquelas que ainda teremos, o privilégio de nos encontrar nas salas de aula, nos cursos de licenciatura<sup>5</sup>. E foi justamente nossa experiência como professores formadores de outros professores que nos inspirou à escrita desta carta.

Ao longo dos últimos anos, temos adotado o ensaio como “porta-voz” do visto e vivido na nossa experiência como professores formadores. Afinal, quando escrevemos a respeito da nossa própria vivência, podemos nos expressar livremente, explorando a criatividade na escrita e fazendo memórias do exercício docente sem, necessariamente, transformar o cotidiano em dados que trazem “verdades”, mas, em exemplos daquilo que se fez/se faz, como expressão daquilo que somos e/ou acreditamos.

Ainda, quando ensaiamos a partir do vivido, percebemos que estabelecemos um modo contínuo de desenvolver nossas capacidades de imaginação e de reflexão, qualidades tão necessárias ao exercício diário do magistério. Além disso, o ensaio é uma forma potente de se elaborar perguntas a respeito do nosso próprio ofício. E são as perguntas que nos colocam em movimento, possibilitando uma docência progressista, de resistência, de transformação, a qual ainda não alcançamos plenamente, mas seguimos buscando conscientemente.

Assim, embora geograficamente situados em localidades tão diferentes, nos encontramos em um lugar comum no nosso cotidiano de professores formadores. Esse lugar se torna o impulso para este texto, o qual podemos qualificar como uma carta-ensaio: ao mesmo tempo em que exercitamos novamente o ensaio como um autoexame do nosso quefazer, temos destinatários a quem endereçamos nossas preocupações e aspirações sobre a docência. Trata-se de expressar desafios comuns em nossa atividade profissional, cuja solução exige a participação ativa de nossos caros estudantes.

Eis o impulso: com o passar dos anos na docência, como professores formadores de outros professores, desenvolvemos a consciência de que os cursos de licenciatura são cada vez menos procurados, deixando cadeiras vazias nas salas de aula; em alguns casos, nossos estudantes chegam às licenciaturas como última ou mesmo única opção de curso (horário de oferta, localização da instituição etc.), sendo a decisão de abraçar o magistério como profissão

<sup>4</sup> Por uma questão de fluidez de leitura e escrita, o uso de vocábulos no masculino é feito em uma perspectiva de representatividade de gênero, sem nenhum tipo de exclusão. Pelo contrário, pois respeitamos todas as pessoas.

<sup>5</sup> No Brasil e em outros países, a formação inicial de professores é um curso de licenciatura que combina a formação em uma área específica com a formação pedagógica, com variações na carga horária e duração.

pouco vislumbrada como uma grande ideia. Essa situação não é recente, tampouco exclusiva de nossa realidade brasileira. Autores portugueses, tais como Canário (2008) e Nóvoa (2017), registraram falta de interesse na carreira docente na União Europeia e na opção de cursos de licenciatura como última ou única opção aos estudantes.

Claro que nem sempre é a falta de identificação ou de afinidade com o curso ou com a própria docência que ocasionam a baixa procura e a evasão dos cursos de licenciatura e da profissão docente. Há, também, a falta de identificação ou de afinidade com o curso ou com a docência que podem ocasionar esse cenário. Entretanto, caros estudantes, precisamos compreender que há outras questões que influenciam esse contexto, talvez até mais complexas, e muitos de vocês conhecem bem: a falta de perspectiva profissional favorável, ou seja, oportunidades dignas para o exercício do magistério, uma fraca ou inexistente política de valorização da formação e da profissão docente, entre outras questões. Por isso, nunca se esqueçam: é fácil fazer sucumbir qualquer indivíduo cheio de sonhos, mas sem perspectivas concretas de uma vida promissora.

De um modo ou de outro, as relações que muitos de vocês estabelecem com os cursos de licenciatura e com o magistério como futura profissão levou-nos a decisão de escrever esta carta, pois mexe conosco, inquieta-nos, incentiva-nos à reflexão, põe-nos interrogações, convida-nos à ação. Isso porque, como muitos de vocês sabem, o risco da não permanência de muitos estudantes nesses cursos e no magistério como futura profissão é real. O baixo índice de procura dos cursos de licenciatura e a ociosidade de vagas nesses cursos são desafios cada vez maiores.

Talvez ainda não sejamos capazes de prever os riscos e as consequências do cenário exposto no futuro da profissão e da própria sociedade. Mas, seja como for, a evasão de vocês dos cursos de licenciatura repercute no presente e futuro da profissão e, por consequência, em várias dimensões da vida planetária. Por isso, acreditamos que todos aqueles envolvidos na e com a formação de professores, nos cursos de licenciatura, não podem cair em atitude de indiferença diante desse quadro. Isso inclui não apenas nós, professores formadores, mas vocês, caros estudantes, professores em formação (sendo que alguns, inclusive, já estão exercendo o magistério).

Aqui, queremos contar-lhes que amiúde se evidencia muito o desinteresse crescente de muitos estudantes pela profissão docente, assim como o magistério como profissão permeada de desafios. Mas há, muitas vezes, caros estudantes, uma espécie de silêncio do legítimo interesse de muitos pela profissão. Sob nosso olhar, parece-nos que vocês são expostos a uma

carga negativa que foi construída simbolicamente sobre a profissão docente, em detrimento do cenário de interesse e de engajamento com que muitos outros estudantes de licenciatura têm pelo magistério. Mediante tais colocações, que vocês possam ser movidos sempre pela estima por todos os seres humanos e pela vida planetária, pois, sem tal apreço, a docência não cumpre sua finalidade nobre: contribuir para a dignidade de cada pessoa, para o bem comum e uma vida planetária sustentável.

Permitam-nos ainda, neste início de diálogo, dizer que esta carta se faz necessária por várias razões e aqui anotamos duas: 1) para que não se perca o valoroso trabalho de formação e de promoção da docência, levado a cabo por tantos professores formadores de outros professores; 2) esta carta pode ser um instrumento a suscitar um diálogo comum entre vocês, estudantes, e nós, professores formadores de outros professores, assim como entre vocês estudantes dos cursos de licenciatura, visando a construção de processos de escuta, de apoio recíproco e, quem sabe, de tomadas de decisão da coragem de abraçar o magistério como ofício e como opção de vida.

Tendo apresentado o contexto, a intencionalidade e o estilo desta carta-ensaio, no que segue, dialogamos sobre três lições que nos motivam a Ser Professor, que aqui escolhemos compartilhar porque bem representam a docência que desejamos: (I) a lição da Sankofa, ou a importância de ressignificar o passado; (II) a lição do pedinte, tratando do tempo presente e a grandeza de se olhar para o mundo vivido; e (III), a lição da esperança, que pode ajudar a construir outro futuro para e no magistério. Ao final, subscrevemos tudo o que podemos aprender com essas três lições, esperando um mundo melhor para todas as formas de vida planetária.

### **Ser Professor é ressignificar o passado: a lição da Sankofa**

Vejam, caros estudantes, nossa preocupação com a licenciatura como única ou última opção é o fato de que isso evidencia falta de anseio pelo magistério como objetivo de vida. Sabemos que se a nossa profissão de escolha se torna ofício de acaso ou falta de opção, temos uma docência, muitas vezes, indiferente a tudo e a todos. Tudo passa a ser desdenhado, desde as aulas que são conduzidas de forma robotizada (despejando os conteúdos curriculares no quadro e aos ventos), passando pela instituição que não tem valor na sociedade, até os próprios estudantes que, com o passar dos anos, são vistos como pessoas cada vez menos interessadas em aprender.

Todos nós tivemos, em algum momento da vida, aulas com professores de acaso, formados (às vezes não) pelas circunstâncias e não pelo desejo do magistério. Nossa profissão, lamentavelmente, sofre com essa possibilidade de a ela ascender sem qualquer vocação, preparo ou mesmo vontade. Isso está retratado na velha máxima “quem não sabe, ensina”.

Com isso, chegamos a reconhecer que a visão que muitos de vocês têm dos cursos de licenciatura e acerca da docência é, às vezes, um pouco deturpada e presa a experiências escolares negativas do passado, ou mesmo do presente. Desse cenário, muitas vezes, vem a rejeição de vocês pela docência, as dúvidas e as dificuldades para o engajamento nesses cursos. Nesse caso, acreditamos que cabe a grande lição da Sankofa, símbolo Adinkra de resistência: aprender com as lições do passado, transformando o tempo presente.

Segundo Rodrigues (2016, p. 39), “Sankofa é um pássaro africano de duas cabeças, uma voltada para o passado e outra voltada para o futuro, e segundo a filosofia africana significa voltar ao passado para ressignificar o presente”. Essa simbologia de olhar o passado e o presente ao mesmo tempo é potente, pois revela como é que se aprende com as experiências vividas. Sankofa representa passos para trás, como se estivesse buscando impulso para saltar mais para frente.

Aliás, segundo Nogueira (2019, p. 54), no dialeto de origem *twi*, “Sankofa significa voltar e buscar o que ficou para trás”. Ou seja, trata-se de um retorno ao passado, às experiências pretéritas, com um propósito pedagógico bem claro: aprender o que se pode fazer diferente. Segundo Nogueira (2019, p. 64): “sankofa é a terceira etapa de um processo que começa com san-kohwe (retornar para ver) seguida de san-kotsei (retornar para ouvir, estudar)”. É exatamente o que afirmou Motta (2022, p. 13): “Sankofa está relacionado ao princípio do retorno como busca de referências para impulsionar o ir em frente [...]. Não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”.

Assim, ao tomarmos a lição de Sankofa no contexto de Ser Professor, lhes dizemos, caros estudantes, não se deixem vencer pelo desânimo, ao contrário, usem percorrer esse caminho de tornar-se Professor. Pois, apesar das pitadas de desencanto, é um ofício de coragem e esperanças de um mundo melhor.

Desta forma, temos a honra de contar-lhes que os escritos de Paulo Freire constituem as raízes desse argumento, pelo modo como têm nos inspirados na tomada de consciência dos sentidos e significados do que é ser professor. Suas lições, diretas ou por meio de metáforas, têm nos revelado como podemos tornar o exercício do ofício de professores formadores de

outros professores um ofício de cultivo, no qual semeamos humanidade na forma de diálogo, afeto e rigor.

Escreveu Paulo Freire (1996, p. 145): “como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos deversem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionalista”. E dizemos agora, a vocês caros estudantes, como prática estritamente humana, jamais podemos entender a educação sem os sentimentos, as emoções e as inúmeras virtudes, tais como esperança, amabilidade, gentileza, perseverança, sabedoria, serenidade, entre tantas outras que nos fazem humanos.

Como vocês podem perceber, o que salta aos olhos nessa contribuição de Freire (1996) é que aspectos da condição humana, como as virtudes, os sentimentos, as emoções, os desejos e os sonhos que constituem e inquietam muitas vezes o coração humano, por exemplo, atribuem vida à educação e, por consequência, mais educação à vida. E sem esses aspectos, a educação gera fadiga, a esperança desaparece e a educação torna-se sem sabor; ou, nas palavras de Freire, uma experiência fria e sem alma. Nesse sentido, a condição humana, entendida aqui, sobretudo, como a incompletude de todo ser humano, mas também no seu desejo de plenitude, é escola de formação para a docência. Assim, escolhemos dizer a vocês, caros estudantes, que Ser Professor é uma arte de imersão na condição humana, que é uma realidade viva e exige relações humanas profundas de afeto e esperança.

Com Paulo Feire, continuamos nossas reflexões com vocês por meio desta carta e reforçamos a ideia que Ser Professor, conforme já delineado, implica cuidar responsabilmente da humanidade do outro e da vida planetária, sem deixar de cultivar a própria humanidade. Isso quer dizer que sempre que alguém assume a responsabilidade por uma sala de aula, em certo sentido, assume a responsabilidade de cuidar da humanidade do outro. Mas, como anotado por Paulo Freire (2005, p. 44), essa “[...] ação só é humana quando, mais que um puro fazer, é um quefazer, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão”.

Por isso é importante que vocês levem consigo a ideia que se tornar professor não pode ser fruto do acaso (isso se o acaso porventura existir), nem apenas consequência da licenciatura como opção de graduação, ou segunda opção, ou única opção. Ser Professor, do nosso ponto de vista, é um ofício de escolha no qual, conscientemente, sempre se buscam meios de descobrir como assumir a responsabilidade de dar o melhor de si. Isso implica cuidar da humanidade do outro e da vida planetária, sem deixar de cultivar a própria humanidade.

E se for preciso voltar ao passado e às experiências vividas que aludem a um desencanto com a docência, voltem. Mas, façam desse retorno um movimento tal qual o de Sankofa: busquem referências pretéritas para que o presente e o futuro sejam outros, melhores, aspirando ao magistério.

### **Ser Professor é ver o mundo: a lição do pedinte**

Pois, então, caros estudantes, o retorno simbólico ao passado com o objetivo de buscar o que ficou esquecido é uma lição essencial para vir a Ser Professor. Não obstante, o tempo presente, vivido no aqui e no agora é também fundamental. Por isso, seguimos nossa carta a vocês com mais uma lição: ver o mundo, tal como é, mas também como poderia ser. Para ver sua complexidade, trazemos a sugestão de olhar para sua simplicidade, isto é, coisas corriqueiras que (nos) passam muitas vezes despercebidas.

Quando fazemos a escolha pela docência, fazemos também a escolha de ver o que é tomado como trivial, buscando sentido nas coisas mais simples do cotidiano. Por isso, encontramos significado em tudo aquilo que pode nos ensinar mais sobre nós mesmos, sobre os outros e a complexa relação tripartida que se forma entre nós, os demais e o lugar que ocupamos na terra. Vamos, então, a um desses casos recorrentes do dia a dia, que já tomamos como normal: um pedinte.

Não é novidade que existem, nas portas das universidades, das igrejas, nos semáforos, nas ruas dos centros, no transporte público etc., pessoas pedindo esmolas. Podemos dizer que não há surpresa alguma, sendo um fato previsível (e em alguns locais, inclusive, um fato já esperado) no contexto de desigualdade social existente. Claro que vocês devem estar se perguntando: o que esse fato ensina a quem deseja Ser Professor? Afinal, muitos pensam, não se trata de uma sala de aula nem de uma escola, muito menos do currículo das provas ou de técnicas de ensinar.

Veras: a lição do pedinte não tem nenhuma relação direta com o ensino como técnica. E aqui encontramos momento oportuno para apresentar o argumento de que Ser Professor vai além da técnica, sendo também – e até mais importante – arte. Arte de dar o melhor de si para cuidar da humanidade do outro, sem deixar de cultivar a própria humanidade. Sendo assim, a lição do pedinte é uma lição da docência como arte, pois envolve Ser Humano e tem a ver com a humanidade esquecida, perdida ou apenas ignorada.

Dessa forma, essa situação recorrente de pedintes, nos leva a uma lição tripartida que envolve três atitudes: (i.) importar-se, (ii) ter empatia, e (iii.) cuidar. Isso não quer dizer reagir imediatamente a todo e qualquer pedinte, em qualquer contexto; afinal, a reação não implica aprendizado, sendo muitas vezes apenas reflexo. Por outro lado, não podemos apenas reagir por impulso, sem extrair conhecimento das situações que nos envolvem. Por isso, dizemos que Ser Professor é ver o mundo.

Com um pedinte, podemos aprender a nos importar com as desigualdades sociais que matam, com o outro que passa frio e fome, com os outros que sofrem com um sistema econômico que segrega os que têm dos que não têm, com o planeta como morada da vida. Importar-se também implica se importar consigo mesmo, mas, obviamente, não como mero egoísmo, pois cada um de nós é parte de uma ecologia individual, coletiva e sistêmica.

Seguindo a lição, outra atitude que podemos aprender com o pedinte é a de ter empatia. Para nós, empatia conforme o sentido dado por Rogers (1997), de sentir as angústias ou receios do outro como se fossem nossas angústias ou receios, porém, sem julgamentos, apenas sentimentos. A atitude de ter empatia não se confunde com a de ser condescendente; não se trata de olhar o outro de cima para baixo, de forma paternalista; trata-se da humildade de se colocar no lugar do outro, sentindo suas dores e partilhando suas dúvidas, sem qualquer tipo de juízo de valor.

A terceira parte da lição do pedinte é a atitude de cuidar, o que nos convoca a olhar a um aspecto essencial da docência, às vezes até silencioso: cuidar um do outro, sobretudo salvaguardar a si e o outro de tragédias planetárias, que, aliás, não são poucas: desemprego, crises alimentares, migratórias, ecológicas, entre outras. Vejam que as palavras de Paulo Freire (1996, p. 34) melhor resumem o que é Ser Professor nesse contexto de cuidar: “[...] mãos humanas, que trabalhem e transformem o mundo. [...] Lutando pela restauração de sua humanidade estarão, sejam homens ou povos, tentando a restauração da generosidade verdadeira”.

Com essa lição tripartida, caros estudantes, queremos ressaltar que a humanização da vida planetária é a base de Ser Professor. Entretanto, não é possível humanizar as vidas humanas e salvaguardar a vida planetária sem um humanismo autêntico, entendido aqui, mais uma vez voltando à Freire (2005, p. 97) como a “[...] tomada de consciência de nossa plena humanidade, como condição e obrigação: como situação e projeto”. Essa noção de humanidade como condição e obrigação, pode ser entendida basicamente como um conjunto de atitudes marcadas

por afetos, dedicação, envolvimento e compromisso com o outro, com a vida planetária e consigo mesmo.

De novo, não podemos esquecer do que Paulo Freire (1996, p. 15) sempre dizia: “a consciência do mundo e a consciência de si crescem juntas e em razão direta; uma é a luz interior da outra, uma comprometida com a outra. Evidencia-se a intrínseca correlação entre conquistar-se, fazer-se mais si mesmo, e conquistar o mundo, fazê-lo mais humano”. Com isso queremos dizer que se tornar consciente da própria humanidade, junto com a consciência de que Ser Professor é deixar uma “marca” na direção do desenvolvimento humano integral do outro, e na maneira de cuidar da vida planetária. É, portanto, um exercício fundamental que deve fazer parte do cotidiano de quem deseja abraçar o magistério.

Ver o mundo, ou seja, olhar atentamente o cotidiano, é compreender o tempo presente e, mais importante, o papel docente na reconfiguração do mundo. A lição tripartida do pedinte nos ajuda a entender ainda melhor essa reconfiguração, pois nos direciona a atitudes fundamentais para vida planetária: importar-se, ter empatia e cuidar.

### **Ser Professor é ser realista, mas, sonhar com o futuro: ao final, a lição da esperança**

Com Sankofa, aprendemos que o passado é um lugar de memórias ao qual se pode voltar para buscar o que ficou esquecido. Com a lamentável cena do pedinte, que precisa mendigar sua permanência no planeta, aprendemos que o tempo presente do mundo vivido é como um espelho que reflete o que temos com clareza. Daí a dúvida: que futuro estamos construindo para a docência? Sejamos realistas, sim, em relação ao contexto que diz respeito à relação de muitos de vocês, caros estudantes, com os cursos de licenciatura e à docência: há tantas razões para deixarem o curso e outras tantas para se recusarem o magistério.

Bem, essa visão realista é um alerta, que nos chama a atenção ao futuro da própria educação. Preocupa-nos, claro, pois nosso ofício é o de formar professores e, se não houver pessoas almejando a docência, nosso trabalho resta-se nulo. Mas, vamos muito além dessa preocupação individual, pois não é. Trata-se de refletir sobre um possível futuro sem as escolas como as conhecemos há séculos, ou as escolas sem professores, talvez como se tenha sido preconizado pelas máquinas de ensinar nos anos 1960 por Skinner (1972), ou pelos *bots* de inteligência artificial, como já até circulou pela mídia recentemente<sup>6</sup> – seja isso fato ou *fake*,

---

<sup>6</sup> Por exemplo: <https://apublica.org/2020/04/laureate-usa-robos-no-lugar-de-professores-sem-que-alunos-saibam/>  
RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 19, n. 00, e024141, 2024. e-ISSN: 1982-5587.  
DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.19615>

não há como negar a popularização de sistemas automatizados em todas as esferas da vida, ditando as regras.

O mundo que temos hoje, embora sobrevivente da pandemia causada pela COVID-19, que nos colocou em uma quarentena de isolamento social durante praticamente dois anos e que fez milhões de vítimas ao redor do globo, é um mundo apático. Não vivemos os afetos, pois não temos tempo para isso. Não ensinamos às pessoas a serem cidadãos, pois não temos a menor ideia do que isso seja. Sabemos, por outro lado, o que não deveria ser condicionante da nossa profissão: as preparações para as provas, a exaltação da competição pelos *melhores* empregos ou pelas *melhores* universidades, o trabalho escolar exaustivo, que esgota estudantes e professores, colocando-nos uns contra os outros...

Daí nos dizem: mas, o mundo é assim, portanto, devemos inspirar os estudantes a *vencerem* na vida, dando-lhes as ferramentas (muitas vezes, que não sabemos nem como manejar). E dizem mais: “quem não tiver sucesso é porque não se esforçou o suficiente”, ou foi incompetente. Nunca dizem: não seria melhor um mundo sem competição?

Quando lançamos essa dúvida, nos chamam de utópicos, socialistas, comunistas, esquerdistas... isso porque não há, aparentemente, outra maneira de se compreender o mundo e, quem sabe, almejar que seja, efetivamente, outro. Da nossa parte, trabalhamos arduamente para isso: lutamos contra os sistemas eletrônicos que nos empanturram de serviço burocrático desnecessário, enfrentamos os currículos inertes que serão cobrados nos exames externos, batalhamos por uma educação humana, na qual os estudantes possam usar seus nomes próprios ao invés de serem rotulados pelo seu número de matrícula... Por isso, apelamos para vocês, caros estudantes das licenciaturas.

Tomados ainda pela estima e esperança de que vocês, estudantes dos cursos de licenciatura, possam cada vez mais descobrir a nobreza do que é ser professor, retomamos, em poucas palavras, a intencionalidade desta carta imbuída em uma frase de António Nóvoa (2023, p. 5): “Um pássaro não voa dentro de água. Um peixe não nada em terra. Um professor não se forma nos atuais ambientes universitários, nem em ambientes escolares medíocres e desinteressantes”.

Apesar da importância e pertinência basilar deste argumento, é importante considerar o antigo provérbio chinês: “Dê ao homem um peixe e ele se alimentará por um dia. Ensine um homem a pescar e ele se alimentará por toda a vida”. No âmbito da sabedoria popular, esse provérbio aparece muitas vezes assim: não basta dar o peixe, é preciso ensinar a pescar.

De um modo ou de outro, ambas as ideias estão em harmonia e imbuídas do sentido de responsabilidade. De um lado, o argumento do professor António Nóvoa nos recorda à responsabilidade da nação por políticas de valorização, de incentivo e de condições para a formação de professores; do outro, o provérbio chinês deve ressoar, assim como esta carta, como um convite a vocês a se engajarem no magistério. Há uma relação aqui muito sutil: assim como um professor não se forma em ambientes universitários e escolares medíocres e desinteressantes, ambientes universitários e escolares interessantes não são capazes de formar para a docência aqueles que não a querem como profissão. Nisso está implícito que se tornar professor é um exercício que ninguém pode fazer pelo outro.

Insistir no movimento de tornar-se professor é um desejo nosso, que permanece firme e que existe e resiste até em condições medíocres e desinteressantes. Mas, sempre ousando transformá-las. Assim, gostaríamos de sugerir a vocês, caros estudantes, que não percam a coragem, a alegria, a esperança e seus sonhos. Eis, talvez, uma das sábias regras que lhes aconselhamos: não permitam o declínio dos sonhos, com paciência, criatividade e resistência; usem viver esses sonhos.

Voltando novamente a Freire (1996, p. 25), reconhecemos que: “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro”. Dessa relação dialógica apresentada pelo mestre, ousamos dizer que também não há docência sem que mais pessoas queiram se tornar professores. Além disso, entendemos que sem docência, não conseguiremos ousar um mundo mais humano, mais feliz.

Por isso, caros estudantes, usem Ser Professores. Sejam sempre audazes, pois, sem tal atitude não será possível futuro feliz; aliás, sem vocês, talvez nem futuro teremos. Uma sociedade que não forma professores não tem perspectivas de futuro.

Com atenção, compromisso e esperança, subscrevemo-nos.

## REFERÊNCIAS

- CANÁRIO, Rui. Formação e desenvolvimento profissional dos professores. *In*: PORTUGAL. Ministério da Educação. Direção Geral dos Recursos Humanos da Educação (org.). **Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia: desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da aprendizagem ao longo da vida**. Lisboa: Ministério da Educação, 2008. p. 133-148.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- MOTTA, Ivana Delfino. **Movências nas rotas de Sankofa: pontos de partilha, danças e implicações étnico-raciais**. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade de Brasília, Brasília, 2022.
- NOGUERA, Renato. Infância em afroperspectiva: articulações entre Sankofa, Ndaw e Terrixistir. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, Brasília, n. 31, p. 53-70, 2019. <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28256>
- NÓVOA, António. Jovens professores: o futuro da profissão. **Rev. Int. de Form. de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 8, e023001, p. 1-15, 2023.
- NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017.
- RODRIGUES, Maria Eduarda Alves Braga. **Sankofa: ensaio sobre a construção da identidade da criança negra**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- ROGERS, Carl. **Tornar-se Pessoa**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- SKINNER, Burrhus Frederic. **Tecnologia do ensino**. São Paulo: EdUSP, 1972.

---

**Reconhecimentos:** Agradecemos aos estudantes de licenciatura por permitirem, por meio das experiências produzidas no dia a dia com a formação de professores, pensarmos e aprendermos sobre a docência.

**Financiamento:** Instituto Federal de São Paulo (IFSP).

**Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.

**Aprovação ética:** Não foi necessária a aprovação do comitê de ética em pesquisa por se referir a um texto de natureza ensaística.

**Disponibilidade de dados e material:** O texto disponibiliza as informações necessárias ao acesso público.

**Contribuições dos autores:** Osmar Hélio Alves Araújo – concepção, idealização, escrita e revisão do texto; Emerson Augusto de Medeiros – colaboração na escrita, revisão e construção de apontamentos críticos ao texto; Ivan Fortunato – colaboração na escrita, revisão e construção de apontamentos críticos ao texto.

---

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

